

Eleazar, colaborador do *Cruzeiro*

Daniela Magalhães da Silveira¹

Resumo:

A colaboração de Machado de Assis, no jornal O Cruzeiro, começou com a publicação de Iaiá Garcia, em seu espaço de folhetim, em 1878. Com a finalização desse romance, Machado passou a assinar com o pseudônimo de Eleazar. Foi debaixo dessa assinatura que apareceram a crítica ao Primo Basílio, de Eça de Queirós, alguns contos e a série de crônicas Notas Semanais. O objetivo dessa comunicação é acompanhar a trajetória de Eleazar, caracterizando esse narrador em seus vários momentos, como crítico literário, contista e cronista. Para isso será importante entender as relações do jornal com o autor e as discussões que provocava em outros periódicos.

Palavras-chave: Machado de Assis, O Cruzeiro, imprensa.

O início do ano de 1878 marcou a entrada de Machado de Assis para o recém fundado *O Cruzeiro*. O primeiro número desse jornal recebeu, no folhetim de sua página de abertura, o capítulo inicial de *Iaiá Garcia* que se prolongou até 02 de março daquele ano. Esse jornal, conforme informava em seu cabeçalho, era propriedade de uma sociedade comanditária, sob a razão social de G. Vianna & C. As assinaturas, para a Corte e Niterói, custavam 20\$000 o ano e 6\$000 por três meses. O escritório da redação localizava-se na Rua dos Ourives, 51. A participação de Machado em suas páginas durou do seu primeiro número até 1º de setembro de 1878, com a publicação de suas últimas *Notas Semanais*. Usou aquelas páginas, especialmente seu espaço de folhetim, para desenvolver quase todos os gêneros literários. O romance *Iaiá Garcia* foi assinado com seu próprio nome, Machado de Assis, mas, em seguida, apareceu como crítico, cronista e contista, sob o pseudônimo de Eleazar. Essa assinatura tinha inspiração bíblica. De acordo com Magalhães Júnior, em hebraico, significa “a quem Deus ajuda” ou “o protegido de Deus”. Logo depois de ter encerrado *Iaiá Garcia*, assumiu alguns folhetins das terças-feiras. Começou com fantasias, como classificou José Galante de Sousa, em seguida passou para a crítica literária, depois retomou as histórias curtas, até assumir a série de crônicas, *Notas Semanais*, publicadas aos domingos. Esta última colaboração durou até ser substituído por Rigoletto, quando não assinou mais nenhuma coluna naquela folha.

Neste texto, acompanharemos a trajetória de Eleazar no folhetim das terças-feiras de *O Cruzeiro*. Um dos principais interesses desse narrador eram as questões literárias. Foi nesse espaço que publicou a famosa crítica ao *Primo Basílio*, de Eça de Queirós. A chegada desse livro, no Brasil, rendeu uma série de artigos, saídos da pena de vários escritores, com a finalidade de discutir o Realismo. Eleazar assinou dois dentre eles, no *Cruzeiro*. O primeiro trazia observações severas ao estilo literário escolhido pelo escritor português e, em especial, à motivação dos personagens ao longo da trama. Como seu escrito pareceu não agradar muito ao meio literário, ou por não ter sido entendido, conforme acreditava, Eleazar lançou mão de mais um folhetim, para dissertar sobre o mesmo livro. Nesses escritos, ficava clara a sua rejeição a determinado modo de conceber a literatura.

Enquanto essa crítica gerou enorme debate coevo e continua a ser lembrada ainda hoje, as outras histórias assinadas por Eleazar, naquele mesmo espaço, com exceção de “Na arca – três capítulos (inéditos) do Gênesis”, foram praticamente esquecidas ao longo do tempo. Em grande medida, isso se deu pelo fato de o próprio Machado de Assis nunca as ter escolhido para compor algum de seus livros. São elas: “O bote de rapé”, “A sonâmbula”, “Um cão de lata ao rabo”, “O califa de platina”, “Filosofia de um par de botas”, “Antes da missa”, “O caso Ferrari” e “Elogio da Vaidade”. Publicadas num curto período, entre 26 de março e 28 de maio de 1878, trazem alguns temas que merecem ser discutidos. Naquele momento, a questão da originalidade parecia perseguir o nosso literato. Em “Um cão de lata ao rabo”, a proposta era a seguinte:

Era uma vez um mestre-escola, residente em Chapéu d'Uvas, que se lembrou de abrir entre os alunos um torneio de composição e de estilo; idéia útil, que não somente afiou e desafiou as mais diversas ambições literárias, como produziu páginas de verdadeiro e raro merecimento.

- Meus rapazes, disse ele. Chegou a ocasião de brilhar e mostrar que podem fazer alguma cousa. Abro o concurso, e dou quinze dias, quero ter em minha mão os trabalhos de todos; escolherei um júri para os examinar, comparar e premiar. (ASSIS, 1878)

O tema do concurso era “Um cão de lata ao rabo”. Dos sete escritos submetidos a exame, os três melhores foram classificados da seguinte forma: 1º - estilo antitético e asmático, 2º - estilo *ab ovo* e 3º - estilo largo e clássico. Depois de ler os trabalhos transcritos no conto, o “leitor fluminense” deve ter notado o quanto de pilhéria havia na história de Eleazar. Ao menos aqueles que vinham acompanhando as discussões literárias nos jornais perceberam que não havia nada de elogioso no fato de ter vencido tal concurso. A crítica feita aos novos estilos literários apareceu de forma bastante clara. Mesmo assim, em seu folhetim seguinte, Machado continuou tratando de questão semelhante. O interesse pelo tema parecia orientar parte significativa de seus escritos naquele momento, e, em especial, aqueles escolhidos para *O Cruzeiro*.

Outra história que tratava a questão da originalidade era “O califa de Platina”. Essa ainda pode ser lida como alegoria ao Segundo Reinado. Usava como ponto de partida referências orientais, mas que por outro lado, faziam lembrar situações vividas no Brasil. O califa Schacabac era apresentado como governante muito apreciado por seus súditos. Tinha como méritos o início e fundação da “política de conciliação”, e ainda, “animava as artes e as letras, protegia a indústria e o comércio”. O único desafio, imposto em sonho por um anão amarelo, que o ameaçava com a morte, era a originalidade. Depois de consultar os oficiais do conselho, recebeu idéias, como a de cortar os narizes de todos os súditos, rejeitada porque poderia causar prejuízo à indústria dos lenços. Outro conselheiro sugeriu que o pagamento dos impostos passasse a ser “voluntário, clandestino e anônimo”. Entre essas e outras propostas, o vizir ofereceu a seguinte idéia:

Mandai trancar as portas de Platina a todas as caravanas que vierem de Brasilina; que nenhum camelo, se ali recebeu mercadoria ou somente bebeu água, que nenhum camelo, digo eu, possa penetrar as portas da nossa cidade. (ASSIS, 1878)

Fazer isso sem qualquer motivo já seria uma grande originalidade, segundo suas explicações. Mas outros dados ainda foram apresentados:

Logo que a notícia de semelhante medida chegar a Brasilina, haverá grande reboliço e estupefação. Os mercadores ficarão pesarosos com o ato, porque são os que mais perdem. Nenhuma caravana, nem ainda as que vêm de Meca, quererá mais parar naquela cidade maldita, a qual (permita-me o conselho uma figura de retórica) ficará bloqueada pelo vácuo. Que acontece? Condenados os mercadores a não mercar para cá, serão obrigados a fechar as portas, ao menos aos domingos. Ora, como há em Brasilina uma classe caixeiral, que suspira pelo fechamento das portas aos domingos, para ir fazer suas orações nas mesquitas, acontecerá isto: o fechamento das portas de cá produzirá o fechamento das portas de lá, e Vossa Grandeza terá assim a glória de inaugurar o calembour nas relações internacionais. (ASSIS, 1878)

A medida logo estava na boca do povo e posta em prática. O problema foi que passado o tempo não surtiu o menor efeito. No dia esperado, o anão retornou e livrou o califa da morte, por ter achado a idéia original, mesmo que sem eficácia. Nesse ponto, vale a pena parar e fazer algumas reflexões. Para tratar a questão que mais parecia afligir esse literato naquele momento, outros pontos importantes, e que nos ajudam a entender um pouco de suas idéias, foram levantados. Em primeiro lugar, semelhanças entre Schacabac e o próprio D. Pedro II não nos parecem mera coincidência. John Gledson, em seu artigo “A história do Brasil em *Papéis Avulsos*, de Machado de Assis”,

mostrou como esse literato, muitas vezes, buscou elementos na História do Brasil para compor alguns de seus enredos. Com poucas exceções, essa relação entre ficção e história não apareceu de forma clara e aberta, seja nos contos ou romances. Mesmo quando isso aconteceu, o quadro histórico composto apresentava tantos elementos díspares, que os leitores devem ter se perdido, como acontece ainda hoje. Tomando como referência a história que acabei de contar, vemos um califa, título de soberano muçulmano, que recebe a idéia de induzir o “fechamento das portas” de Brasília. Ora, mesmo passando por cima do fato de Brasília e Brasil constituir nomes semelhantes, chegaríamos numa questão que desde aquele momento já havia começado a fermentar e que ainda iria causar muitas reviravoltas. Foi isso que mostrou Fabiana Popinigis, ao acompanhar as discussões que pediam o fechamento de algumas casas de comércio aos domingos e nos dias santos. Embora essa polêmica havia tempo já estivesse na pauta política, foi mesmo no final de 1879 que tomou forma mais agressiva. Os jornais foram usados de modo intensivo por todos os lados. Aliás, conforme mostra essa pesquisadora, vários literatos ao longo do século XIX, usaram a situação dos caixeiros em suas narrativas. O que quero ressaltar aqui, portanto, é a intrínseca relação entre as histórias contadas por Machado de Assis e as questões levantadas em diferentes colunas dos jornais àquela época. Em boa parte de seus contos, falar de História do Brasil significou buscar, nos próprios jornais, elementos para compor a narrativa. Como vemos, nesse conto, o foco poderia inclusive ser levado para mais de um lado, e ainda assim continuaria dialogando com seu suporte inicial. Seja tratando de História do Brasil e política imediata, seja de História do Oriente e política internacional, teria como referência aquelas páginas.

A partir dessa reflexão podemos chegar a um primeiro ponto. Machado de Assis usava os jornais nos quais colaborava não apenas como suporte de suas histórias, mas também como fonte de diálogo e inspiração. O segundo ponto é, retomando as questões literárias que o afligiam naquele momento, sobre a originalidade. Parece evidente a sua insistência nessa questão em duas de suas histórias escritas, quando o principal debate que rondava o meio literário era o Realismo, de Eça de Queirós. Aliás, esse ponto já fazia parte de seu rol de preocupações desde 1875, quando publicara “A chinela turca”, no periódico *A Época*. Cabe-nos, portanto, uma indagação: o que era ser original para Machado de Assis? As primeiras impressões que temos ao ler as duas histórias do *Cruzeiro* é que esse era objetivo perseguido, mas difícil de ser alcançado. No concurso, de “Um cão de lata ao rabo”, Eleazar zomba do resultado obtido pelo professor de Chapéu d’Uvas. Em “O califa de Platina”, vai mais longe. Consegue encontrar idéia considerada original, mas sem resultado prático. Em suas histórias, ser original talvez fosse conseguir aliar temas diferentes e que fizessem parte dos interesses dos leitores, mas que ao mesmo tempo não soassem como meras cópias da realidade, sem objetivo algum. Foi isso o que muitas vezes tentou fazer nesse jornal.

As duas histórias que sucederam à crítica ao *Primo Basílio*, “Filosofia de um par de botas” e “Antes da missa”, aparentemente tomaram outro rumo, embora tenham servido como elementos para sátira contra Machado de Assis, por causa das suas críticas ao romance. Antes de entrar no conteúdo desses contos, retomemos o histórico da participação do literato. A estréia de Eleazar no *Cruzeiro* foi com as peças “O bote de rapé” e “A sonâmbula”. A primeira tinha como objetivo comentar certa futilidade das mulheres ou o interesse delas por compras. A trama girava em torno de personagem feminina que vai às compras e traz mil coisas desnecessárias e se esquece do único pedido do marido. Personagens como essas voltariam a fazer parte de suas histórias, em “Antes da missa”. Esta narrativa, escrita em forma de diálogo, mostra a conversa entre duas mulheres, dona Laura e dona Beatriz. Depois de noticiar a vida de suas conhecidas, as duas chegam num ponto bastante delicado, a respeito do casamento de suposta amiga de ambas:

D. Beatriz – O Mesquita

Brigou com a mulher?

D. Laura – Dizem que se desquitou.

D. Beatriz – Sim?

D. Laura – Parece que sim.

D. Beatriz – Por que razão?

D. Laura – Jesus!

(vendo o relógio)

Um quarto para as onze! Adeus! Vou para a Cruz. *(Vai a sair e pára)*

Cuido que ela queria ir à Europa; ele disse

Que antes de um ano mais, ou dois, era tolice.

Teimaram, e parece *(ouviu-o ao Nicolau)*

Que o Mesquita passou da língua para o pau.

E lhe fez um discurso hiperbólico e cheio

De imagens. A verdade é que ela tem no seio

Um sinal roxo; enfim vão desquitar-se

D. Beatriz – Vão

Desquitar-se!

D. Laura – Parece até que a petição

Foi levada a juízo. Há de ser despachada,

Amanhã; disse-o hoje à Luisinha Almada,

Que eu, por mim, nada sei. Ah! Feliz, tu, feliz,

Como os anjos do céu! Tu sim, minha Beatriz,

Brigas por um vestido azul; mas chega o urso

Do teu tio, desfaz o mal com um discurso,

E restaura o amor com dois goles de chá! (ASSIS, 1878)

Esse diálogo nos oferece alguns elementos para pensar nas propostas de Eleazar e, quiçá, de Machado de Assis, no *Cruzeiro*. Analisando esse mesmo conto, Paulo Franchetti afirma que a conversa entre as duas senhoras “apenas ao fim e muito indiretamente” trata o tema da insatisfação com o casamento. Em primeiro lugar, temos que levar em consideração que num folhetim de sete colunas, o diálogo acima transcrito ocupou espaço considerável. Mais de meia coluna, para ser mais exata. Além disso, sua continuação, que levou ao último ponto final da história preencheu mais uma coluna. Em termos materiais, a questão parece ter sido central. Outro detalhe que precisa ser esclarecido é que, tomando por base os contos escritos por esse literato naquele período, era corrente o fato de se valorizar bastante o final do enredo. Esse era o momento das lições, muitas delas moralizantes. Essa é uma característica do gênero conto, de modo geral, e que foi bastante trabalhada por Machado de Assis. Finalmente, inserindo o trecho nas discussões sobre o romance de Eça de Queirós, parece que Eleazar quis passar aqui seu modo de tratar alguns assuntos de forma literária. Os conflitos que cercam o relacionamento material são vislumbrados sem a utilização de recursos, como “o espetáculo dos ardores, exigências e perversões físicas”, condenados na crítica ao autor português. Sua idéia é a de oferecer voz às personagens femininas – são elas que contam em tom de boato ou fofoca o que sabem – para discutir seus problemas conjugais. Para isso, não deixa de falar sobre intolerância masculina e até mesmo agressão física no casamento. Levantar essas questões naquele momento, talvez, já fosse exercício árduo em demasia. Corria o risco, como de fato aconteceu, de oferecer mais elementos para a briga. Eleazar buscava, nos conflitos do cotidiano, material

para seus escritos. Tentava fazer isso de modo a questionar alguns pressupostos ou debater sobre a política local.

Para completar a análise dos folhetins das terças-feiras, assinados por Eleazar, ainda falta pensar em mais três histórias. “Filosofia de um par de botas”, assim como “Antes da missa” também serviu de elemento para as sátiras contra Machado de Assis, por causa da crítica ao *Primo Basílio*. Nesse conto, de modo um pouco mais disfarçado, o autor tratou também, entre outras questões, dos relacionamentos conjugais. A conversa entre o par de botas deixava escapar histórias de pisadelas em botinas de certa viúva e passos suaves durante altas horas da noite para não acordar a esposa. Se por um lado Machado, por meio de Eleazar, tentava mostrar como aqueles temas mais ásperos poderiam ser tratados, a crítica parecia decidida a não deixar escapar nada. Cada literato que se alinhasse de acordo com suas convicções. “O caso Ferrari” e “Elogio da vaidade” foram publicadas na semana seguinte à “Na arca”. Sobre as histórias curtas assinadas por Eleazar, no *Cruzeiro*, é importante ressaltar como a forma narrativa parece ter sido ponto cuidadosamente elaborado. Fez uso de diálogo, comédia e capítulo da Bíblia. “O caso Ferrari” retomava problema outrora proposto em crônica da série *História de quinze dias*, na *Ilustração Brasileira*, de 15 de outubro de 1876. Sua intenção era discutir sobre a situação do teatro no Brasil. Segundo Sílvia Cristina Martins de Souza, nesse período, o Rio de Janeiro pertencia ao circuito artístico, ao lado de Montevideu e Buenos Aires. Chegou mesmo a receber as mais conhecidas atrizes da Europa. Por causa disso, tanto na crônica como no conto, o literato denunciava o fato de a Companhia Ferrari não ter se apresentado aqui. No folhetim do *Cruzeiro*, “Elogio da vaidade”, buscou inspiração em um dos livros de sua biblioteca. Seu volume do *Elogio da Loucura* é datado de 1877, período precedente à escrita da história. O modo como a narrativa de Eleazar é conduzida assemelha-se bastante com aquela empreendida por Erasmo. A idéia era a de fazer com que a própria Vaidade mostrasse sua superioridade sobre a Modéstia. O mundo das letras, com seus integrantes, foram um dos alvos da Vaidade. Aquele foi momento de formação da crítica literária no Brasil. Os grupos de literatos propunham idéias e muitas vezes colocavam-se em posições opostas. Outras vezes eram acusados de promoverem o “elogio mútuo”. A criação de “panelinhas”, com seus próprios periódicos, fazia parte da moda literária.

Entre as histórias publicadas na revista *A Epocha* e no folhetim do jornal *O Cruzeiro*, as escolhidas para compor as coletâneas de contos são as mais conhecidas. O acesso mais fácil contribuiu sobremaneira para isso. Já que todas as outras só puderam ser lidas nos periódicos, ou, como costuma acontecer hoje, em precárias edições póstumas. “A chinela turca” e “Na arca – três capítulos (inéditos) do Gênesis” ganharam a concessão da parte do autor de entrar para a posteridade. *Papéis avulsos* foi o livro que recebeu algumas das histórias escritas entre 1875 e 1882, ano de sua publicação. Foi nesse livro que saíram os contos de *A Epocha* e do *Cruzeiro*. Machado de Assis deveria ser ávido leitor dos jornais e revistas seus contemporâneos. Não apenas com o objetivo de se manter informado, mas também para fazer com que suas histórias dialogassem com os principais temas ali dissertados. Quando escreveu a primeira versão de “A chinela turca”, explorou a vertente literária da revista. Conforme viemos acompanhando, o tema mais presente nos escritos assinados por Eleazar, nos folhetins das terças-feiras, era sobre o debate em torno do Realismo e sobre a questão da originalidade na literatura. O conto, “Na arca – três capítulos (inéditos) do Gênesis”, foi publicado no dia 14 de maio de 1878, em meio àquelas discussões. A abertura do folhetim informava aos leitores sobre o teor e a origem do escrito que tinham em mãos. Segundo Eleazar, aquilo fazia parte de manuscrito, enviado por um capuchinho de Jerusalém. Era nada mais nada menos que “três capítulos inéditos do Gênesis”. “O protegido de Deus” foi a pessoa indicada para tornar pública a narrativa. Na verdade, como somos informados a partir da leitura do próprio conto, houve discussão para tentar entender o lugar daqueles escritos na Bíblia. Embora Eleazar assumisse a idéia de que eram capítulos do Livro Sagrado, o frade defendia ser apenas uma interpolação. A discussão entre Eleazar e o frade parecia ir longe, já que o autor do folhetim referia-se a trabalho de 600 páginas, preparadas para demonstrar que estava certo. Tal afirmativa mais parecia sátira destinada a boa parte de homens de letras daquela época. Era comum a publicação de longos estudos para provar teorias

muitas vezes absurdas. Machado irá brincar com essa idéia em muitos de seus contos. A localização dos capítulos, no livro da Bíblia, foi dada com exatidão, na versão do conto no jornal:

Para a boa compreensão do que se vai ler, convém notar que estes três capítulos entram no cap. VIII do Gênesis, depois dos vers. 17, isto é, antes da saída de Noé da arca, saída que é contada nos vers. 18 e 19. Temos pois que o cap. VIII é dividido em dois, indo o primeiro até o vers. 17; seguem-se os caps. A, B e C; e logo depois a segunda parte daquele que constitui um capítulo separado.

Machado de Assis usou a Bíblia com freqüência em suas histórias. Dois de seus pseudônimos – Manasses e Eleazar – foram retirados daquelas páginas. Em sua biblioteca, constava “A Bíblia Sagrada Contendo o Velho e o Novo Testamento, traduzida em português segundo a vulgata latina por Antônio Pereira Figueiredo”, datada de 1866. Além disso, padres foram personagens presentes não só em seus contos, como em sua obra de modo geral. Importa deixar claro o quanto sua leitura da Bíblia era estritamente literária. Seu retorno ao *Gênesis* tinha como propósito apropriar-se do estilo usado naquelas páginas, para que seu escrito pudesse ser encaixado entre capítulos e versículos. Entre as várias discussões sobre escolas e estilos literários, Machado de Assis, ao escrever em páginas com perfil católico, como era *O Cruzeiro*, levava a questão às últimas consequências. Mesmo que isso custasse o epíteto de “beato”, diante da guerra por causa das críticas a Eça de Queirós.

A colaboração de Eleazar no *Cruzeiro* ganhou novo fôlego, quando passou a substituir Sic, pseudônimo usado por Carlos de Laet, no folhetim dominical. Isso aconteceu no dia 2 de junho de 1878, com o seguinte aviso aos leitores:

Há heranças onerosas. Eleazar substituiu Sic, cuja pena, aliás, lhe não deram, e consequentemente não lhe deram os labores de estilo, a graça ática, e aquele pingo e sabor, que são a alma da crônica. A crônica não se contenta da boa vontade; não se contenta sequer do talento; é-lhe precisa uma aptidão especial e rara, que ninguém melhor possui, nem em maior grau, do que o meu eminente antecessor. Onerosa e perigosa é a herança; mas eu cedo a necessidade da ocasião.

Resta que eu me torne digno, não direi do aplauso, mas da tolerância dos leitores. (ASSIS, 1997, 375)

Como já havia tornado-se hábito, a primeira crônica de cada nova série tentava explicar seus objetivos e intenções, antes de entrar nos assuntos da semana ou quinzena. Nessa o narrador começava rendendo homenagens ao seu antecessor e explicando alguma coisa sobre o próprio gênero e sua escrita. É interessante observar que Machado de Assis poderia ter criado nova assinatura diante daquela empreitada. No entanto, optou pela continuidade daquele que já havia se aventurado por tantas contendas. Um dos assuntos preferidos de Eleazar era a política imediata, com o registro da passagem do tempo *versus* suas permanências. Confessava-se liberal, com críticas ferrenhas ao processo eleitoral. Essa foi questão, aliás, que perturbou vários homens de letras tanto aqueles que se identificavam com idéias liberais, quanto os conservadores. Assunto levado de uma série para outra foi a Companhia Ferrari e os problemas enfrentados pelo teatro de modo geral, especialmente, na Corte. Ao fazer isso, informava aos leitores já ter tratado daquilo em outra situação. Havia certa continuidade na construção desse narrador por Machado de Assis, independentemente do gênero adotado. Seu afastamento daquelas páginas fora motivado por causa da aliança feita entre Henrique Correia Moreira, um dos organizadores da folha, e Martinho de Campos. Este conhecido político mineiro tornou-se famoso devido sua forte ligação com a escravidão no Brasil do século XIX. Como os editoriais do jornal passariam a ser orientados por idéias escravocratas, a colaboração de Machado de Assis foi interrompida. Isso mostra a ligação que esse literato procurava oferecer entre seus escritos e o perfil do periódico para o qual colaborava.

Referências Bibliográficas

- [1] ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. V. 3.
- [2] FRANCHETTI, Paulo. *Estudos de literatura brasileira e portuguesa*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.
- [3] GLEDSON, John. “A história do Brasil em *Papéis Avulsos* de Machado de Assis”. In: CHALHOUB, Sidney & PEREIRA, Leonardo. *A história contada: capítulos de história social da literatura*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- [4] JOBIM, José Luís (org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.
- [5] MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo de. *Vida e obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. V. 2.
- [6] POPINIGIS, Fabiane. *Trabalhadores e patuscos: os caixeiros e o movimento pelo fechamento das portas no Rio de Janeiro (1850-1912)*. Unicamp, Dissertação de Mestrado em História, 1998.
- [7] SOUSA, José Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro, 1955.
- [8] SOUZA, Silvia Cristina Martins. *As noites do Ginásio: teatro e tensões culturais na Corte (1832-1868)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.
- [9]

¹ Daniela Magalhães da SILVA, doutoranda. Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, IFCH, departamento de História. E-mail: danielasilveira@hotmail.com